

## TAPERA

*N*em só por ser a terra imensa e a gente pouca foi difícil o povoamento do Brasil e, posteriormente, o preenchimento dos vazios extensos que separam, ainda hoje, os focos de vida e de riqueza. Também a marcha territorial desta motivou êsses hiatos largos e dissociadores. Zonas inteiras conheceram o desenvolvimento, por vêzes rápido, para depois de caírem e serem progressivamente abandonadas pelos seus moradores. Por isso é que, nas cartas brasileiras, nos roteiros e mapas, a palavra "tapera" é tão freqüente. Os viajantes do nosso interior, mesmo em zonas em que existe relativo progresso, deparam, com freqüência, as "taperas".

Ora são casebres e choupanas, isoladas e perdidas, abandonadas de seus moradores e entregues ao tempo. Ora são pequenos núcleos de povoamento, que chegaram a atingir nível de progresso interessante, quando tudo anunciava se tornariam vilas, com o passar dos tempos, — e que entram a declinar, a tal ponto que os povoadores abandonam as suas casas, vão procurar ganhar a vida em outros lugares, e aquêle conjunto fica ao sabor do tempo, tornando-se uma tapera. Muitas vêzes, os próprios caminhos que levavam a tais lugares se tornam meras picadas, que o mato cobre e que dificilmente o viajante encontra e distingue. Tendo o núcleo gerado caminhos, o declínio apaga os roteiros que levam às "taperas". Nas viagens pelo interior brasileiro, em zonas distantes, o encontro com as "taperas" é relativamente freqüente. Há zonas em que elas surgem amiúde, indicando a antiga passagem de progresso e de vida, e o abandono posterior, por motivos os mais variados. As "taperas" isoladas encontram-se em todos os recantos brasileiros, mesmo em zonas ricas.

A transformação de casas e vilas em "taperas" serviu já de motivo a muitas páginas literárias, que as caracterizam. DARCI AZAMBUJA, no seu livro de contos *No Galpão*, assim descreve a transformação: "A propriedade tocou a um parente longe, que arrendou o campo e não se importa com a casa. Hoje, quem passa na estrada, vê que ela se vai arruinando aos poucos, fechada, sem abrigar mais ninguém. O banco de pau desapareceu, a latada de madressilva caiu, caíram as cercas de sarrafo, no telhado há um grande rombo. As chuvas e os ventos derrubaram o teto, primeiro, depois uma parede, e as portas, as janelas... E lentamente a casa ir-se-á tornando "tapera" — que é uma saudade perdida no campo..." ALCIDES MAYA assim a pintou: "O tempo, irônico, depois de dispersar aos acasos da sorte a raça modesta que lutou e sofreu sob êsse teto humilde, deixou erguidos no anonimato da morte, sem sombra de tradições, os teus murcos solitários, que ora parecem rir para o caminho, pelas janelas e pelas portas escancaradas, um riso escarninho, doloroso do vazio que és sob o firmamento radiante, ora começar soturnamente, enoitecidos e torvos, o horizonte remoto". Se assim foram pintadas as "taperas" sulinas, de modo não muito diferente pintaram as goianas e as mineiras HUGO DE CARVALHO RAMOS e AFONSO ARINOS.

TEODORO SAMPAIO explicou a origem do vocábulo como expressando aldeia extinta, em linguagem tímica. Eram os núcleos desertados pelo índio, em busca de melhores paragens ou tocados pelo avanço do homem branco. Hoje, assinalam, pontilhando o interior brasileiro, ora como casas isoladas, ora como fazendas e engenhos abandonados, ora como antigos núcleos de povoamento, a inexorável marcha da riqueza e a sucessão de tristeza e abandono que a acompanha.

NÉLSON WERNECK SODRÉ

